

Estudantes de enfermagem diante de sofrimento moral: estratégias de resistência

Nursing students facing moral distress: strategies of resistance

Estudiantes de enfermería ante el sufrimiento moral: estrategias de resistencia

Simoní Saraiva Bordignon¹, Valéria Lerch Lunardi¹, Edison Luiz Barlem¹, Rosemary Silva da Silveira¹,
Flávia Regina Ramos², Grazielle de Lima Dalmolin³, Jamila Geri Tomaschewski Barlem¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande-RS, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Enfermagem. Florianópolis-SC, Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde. Santa Maria-RS, Brasil.

Como citar este artigo:

Bordignon SS, Lunardi VL, Barlem EL, Silveira RS, Ramos FR, Dalmolin GL, et al. Nursing students facing moral distress: strategies of resistance. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(Suppl 4):1663-70. [Thematic issue: Education and teaching in Nursing] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0072>

Submissão: 21-07-2017

Aprovação: 14-03-2018

RESUMO

Objetivo: Compreender as estratégias de resistência adotadas pelos estudantes de graduação em enfermagem, diante de situações de sofrimento moral (SM). **Método:** Pesquisa qualitativa, desenvolvida em três universidades do sul do Brasil, duas federais e uma privada, com 21 estudantes de graduação em enfermagem, entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016; os dados foram submetidos à análise textual discursiva e referencial teórico foucaultiano. **Resultados:** Os estudantes ao resistirem demonstram um senso de autopreservação e fortalecimento moral. Ainda, ações de não resistência relacionam-se ao medo de possíveis sanções. Assim, ao resistir ou não, os estudantes podem vivenciar repercussões tanto positivas como negativas. **Considerações finais:** Ao resistir, os estudantes visam defender o que acreditam ser o correto, demonstrando seu fortalecimento moral diante do sofrimento moral. No entanto, o exercício do poder disciplinar parece contribuir para sua fragilização moral, dificultando a implementação de estratégias de resistência.

Descritores: Estudantes de Enfermagem; Educação em Enfermagem; Poder; Moral; Ética.

ABSTRACT

Objective: To understand the resistance strategies adopted by undergraduate students in nursing, faced with situations of moral distress (MD). **Method:** Qualitative research, developed in three universities in the south of Brazil, two federal and one private, with 21 undergraduate students in nursing from December 2015 to February 2016; the data was submitted to the discursive textual analysis and Foucauldian theoretical reference. **Results:** Students resisting demonstrate a sense of self-preservation and moral empowerment. Moreover, non-resistance initiatives are related to the fear of possible sanctions. Thus, by resisting or not, students may experience both positive and negative repercussions. **Final considerations:** By resisting, students aim to defend what they believe to be right, demonstrating their moral empowerment in the face of their moral distress. However, the exercise of disciplinary power seems to contribute to their moral fragilization, making it difficult to implement resistance strategies.

Descriptors: Nursing Students; Nursing Education; Power; Moral; Ethics.

RESUMEN

Objetivo: Comprender las estrategias de resistencia adoptadas por los estudiantes de graduación en enfermería, ante situaciones de sufrimiento moral (SM). **Método:** La investigación cualitativa, desarrollada en tres universidades del sur de Brasil, dos públicas y una privada, con 21 estudiantes de graduación en enfermería, entre diciembre de 2015 y febrero de 2016; los datos fueron sometidos al análisis textual discursivo y referencial teórico foucaultiano. **Resultados:** Los estudiantes al resistir demuestran un sentido de autopreservación y fortalecimiento moral. Aún, acciones de no resistencia se relacionan con el temor de posibles sanciones. Así, al resistir, o no, los estudiantes pueden experimentar repercusiones tanto positivas como negativas. **Consideraciones finales:** Al resistir, los estudiantes pretenden defender lo que creen ser lo correcto, demostrando

su fortalecimiento moral ante el sufrimiento moral. Sin embargo, el ejercicio del poder disciplinario parece contribuir a su debilidad moral, dificultando la implementación de estrategias de resistencia.

Descritores: Estudantes de Enfermería; Educação em Enfermería; El poder; La Moral; La Ética.

AUTOR CORRESPONDENTE

Simóni Saraiva Bordignon

E-mail: sbordignon@furg.br

INTRODUÇÃO

No âmbito de formação acadêmica em enfermagem, os estudantes frequentemente vivenciam conflitos e situações moralmente inadequadas de desrespeito a si mesmos, aos colegas, usuários, trabalhadores de enfermagem e de saúde, reconhecendo-se desencorajados, receosos e impotentes para reagir e manifestar questionamentos e indignação⁽¹⁻²⁾.

Assim, estudantes de enfermagem vivenciam situações moralmente angustiantes ao testemunharem circunstâncias de prestação de cuidados e comportamentos moralmente inadequados no ambiente acadêmico, de desrespeito aos sujeitos e aos seus direitos, incompatíveis com seus valores, princípios e padrões pessoais aprendidos durante sua formação acadêmica, possivelmente vivenciando sofrimento moral (SM). Estudos sobre SM em estudantes de enfermagem têm se destacado nos âmbitos internacional^(1,3-7) e nacional⁽⁸⁻¹⁰⁾.

Nesse contexto, os estudantes podem encontrar dificuldades de exercer resistência frente a mecanismos disciplinares do poder, que visam formar corpos dóceis com máximas de obediência e submissão a normas e hierarquia⁽¹¹⁾. Destarte, a vivência de SM por estudantes de graduação em enfermagem desperta a necessidade de refletir sobre sua formação acadêmica, sob a ótica de conceitos de Michel Foucault, como poder, resistência e poder disciplinar.

Para tanto, o poder é, sob uma perspectiva foucaultiana, entendido como uma multiplicidade de relações de forças e de resistências, estando presente em todas ações humanas e em todas suas organizações sociais. Resistência ao poder deve ser entendida como aquela que visa à defesa da liberdade, constituindo uma nova economia das relações de poder, de forma móvel e transformadora⁽¹²⁾. Por isso, é preciso dizer que as resistências são sempre mutáveis. O poder disciplinar, facilmente exercitado em instituições, como a universidade, visa à disciplinarização, à normalização e à manutenção de modelos hierárquicos⁽¹³⁾. Ainda, as técnicas disciplinares podem conduzir o estudante ao medo da repressão, favorecendo sua observância rigorosa das instruções e, sob os olhares de seus supervisores, fragilizar sua capacidade de julgamento moral e ético⁽¹⁴⁻¹⁵⁾.

Desse modo, o ensino passa a ser um adestramento⁽¹⁵⁾ e o SM uma possibilidade diante dos inúmeros conflitos éticos vivenciados pelos estudantes na universidade, já que, contraditoriamente, sua aparente omissão e indiferença frente a essas situações, também lhes provoca sentimentos de sofrimento reconhecidos como SM⁽¹⁶⁾.

Nesse sentido, o estudante de enfermagem poderá apresentar atitudes de enfrentamento das situações moralmente inadequadas, mediante atos de resistência, ou seja, de uma relação de forças, de ação, reação e persistência, constituindo-se em possibilidade de resposta ao SM^(6,11). Dessa forma, diante do poder disciplinar, o exercício de resistência requer do estudante de enfermagem a

coragem de lutar pelo que acredita ser ético e moral frente as situações que geram SM, demonstrando o seu fortalecimento moral.

Diante do exposto, buscando compreender as questões que envolvem o fenômeno do SM em estudantes de enfermagem brasileiros, emergiu a seguinte questão de pesquisa: Como os estudantes vêm resistindo a situações moralmente inadequadas no ambiente acadêmico?

OBJETIVO

Compreender as estratégias de resistência adotadas pelos estudantes de graduação em enfermagem, diante de situações de SM.

MÉTODO

Aspectos éticos

Foram asseguradas as exigências éticas e científicas preconizadas para pesquisas com seres humanos, mediante a Resolução 466/2012, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande. Optou-se por identificar as universidades estudadas pela letra U seguida de um (U1, U2 e U3), e os depoimentos dos estudantes com a letra E (E1 a E21) ambos seguidos de número sequencial.

Tipo de estudo

Pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva.

Procedimentos metodológicos

Cenário do estudo

O estudo foi desenvolvido em três universidades localizadas no sul do Brasil – duas públicas e uma privada. Na universidade pública U1, o Curso de Graduação em Enfermagem tem 41 anos de atividade e o currículo desenvolve-se em regime por disciplinas, com carga horária total de 4.110 horas, desenvolvidas em dez semestres. Na universidade pública U2, o Curso de Graduação em Enfermagem tem 40 anos de atividade e o currículo estrutura-se em metodologias ativas de ensino aprendizagem, em ciclos distribuídos ao longo de cinco anos, com carga horária total do curso de 5.187 horas. Na universidade privada U3, o Curso de Graduação em Enfermagem tem 10 anos de atividade e o currículo desenvolve-se em regime por disciplinas, com carga horária total de 4.000 horas, desenvolvidas em dez semestres.

Fontes de dados

Em etapa anterior a essa pesquisa, mediante a implementação da Escala de Sofrimento Moral para Estudantes de Enfermagem (ESMEE), para medir a frequência e intensidade de SM em estudantes de graduação em enfermagem, ao final desse instrumento, apresentou-se um convite para participação na etapa qualitativa

do estudo, solicitando-se email ou telefone dos participantes para posterior contato. Para tanto, os critérios de inclusão restringiram-se a: ser estudante de graduação em enfermagem, estar matriculado entre o quinto e o décimo semestre, deixar o contato no instrumento quantitativo e ter disponibilidade para responder ao guia de entrevista semiestruturada.

Dessa maneira, 134 estudantes manifestaram interesse; desses, 65 foram contatados, por estarem matriculados entre o sexto e o décimo semestre, considerando-se que teriam vivenciado uma maior gama de situações desencadeadoras de SM no decorrer de sua formação acadêmica. Compuseram o grupo de entrevistados 21 estudantes que retornaram os contatos da pesquisadora (oito estudantes da U1, cinco da U2 e oito da U3)

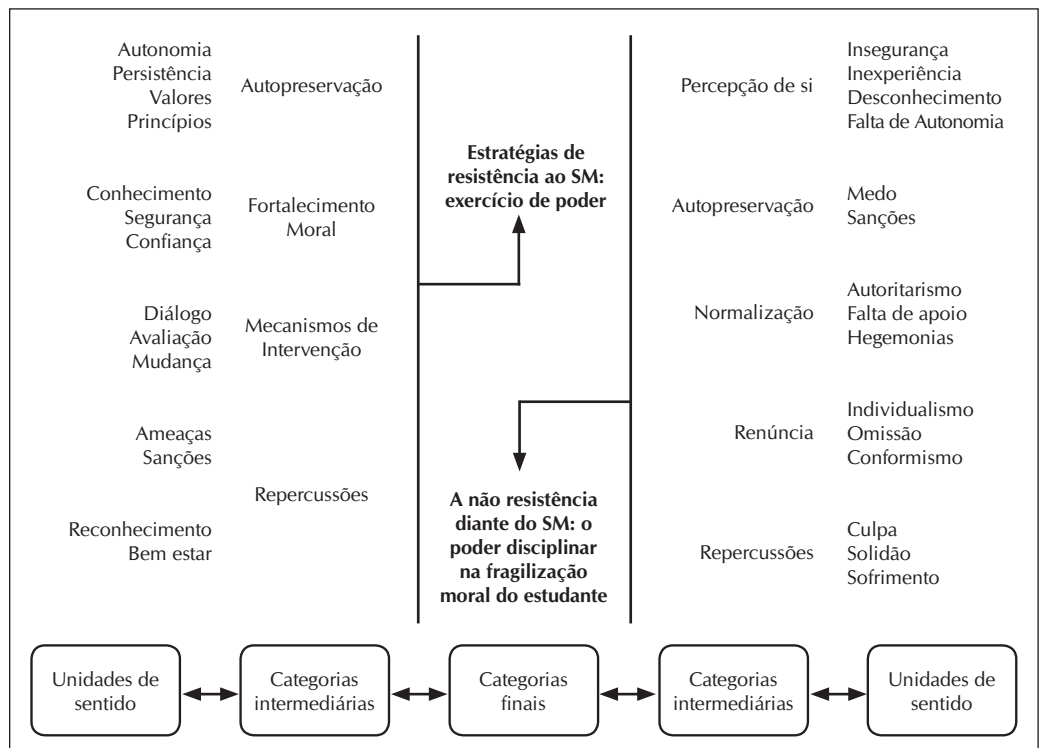
Coleta e organização dos dados

A coleta de dados foi realizada entre os meses de dezembro de 2015 e fevereiro de 2016, em diferentes locais e horários, indicados de acordo com a preferência dos participantes. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas, com duração média de 45 minutos, contendo questões fechadas para caracterização dos participantes, e questões abertas, enfocando aspectos relacionados à vivência de SM, estratégias de resistência ao SM desenvolvidas, barreiras, facilitadores e possíveis implicações desse enfrentamento.

Análise dos dados

Os dados foram analisados com base nos conceitos de poder, resistência e poder disciplinar de Foucault, por meio da análise textual discursiva, compreendida como um processo auto organizado de construção de compreensão, em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a unitarização, o estabelecimento de relações e a captação do novo emergente⁽¹⁷⁾. Durante a categorização, foram identificadas relações entre as unidades de significado, comparando-as e realizando o agrupamento de elementos de significação próximos em categorias intermediárias, e, após, em categorias finais.

No âmbito da elaboração e construção das ações de resistência referidas pelos estudantes de enfermagem, evidenciou-se também suas dificuldades de exercer resistência no contexto acadêmico, demonstradas através de comportamentos de não



Nota: SM = Sofrimento Moral

Figura 1 – Modelo estrutural de construção das categorias, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, 2016

resistência diante de situações moralmente inadequadas que geram SM. Dessa forma, a partir da análise dos dados, emergiram duas categorias: 1) Estratégias de resistência ao SM: exercício de poder; e 2) A não resistência diante do SM: o poder disciplinar na fragilização moral do estudante, conforme Figura 1.

RESULTADOS

A caracterização dos 21 estudantes de enfermagem entrevistados demonstrou que suas idades variaram entre 21 e 50 anos; 19 eram mulheres; 13 estudantes de universidades federais; matriculados em sua maioria no décimo semestre (6), seguido do oitavo semestre (5); sete nunca reprovaram em alguma disciplina e seis reprovaram uma vez. A maioria dos acadêmicos era solteira, branca, de religião católica, que afirmava não trabalhar, sendo que três trabalham na área da saúde. Ainda, sete estudantes referiram ter formação anterior como técnicas de enfermagem.

Estratégias de resistência ao Sofrimento Moral: exercício de poder

Os estudantes de enfermagem parecem desenvolver estratégias de resistência que se diferenciam de acordo com a universidade. Assim, na universidade pública U2 demonstraram, com distinção, o senso de autopreservação no exercício de sua autonomia e liberdade no uso de estratégias de resistência, a partir da análise das relações de força em que estão imersos, defendendo valores e princípios pessoais.

*Eu penso, se vou ter uma atitude que pode mudar alguma coisa, eu faço. Agora, quando eu vi que era uma coisa en-
gessada, pedi pra mudar o local de estágio porque não tinha*

condições de ficar, fico sofrendo [...] sem conseguir aplicar o que aprendi. (U2/E13)

Na instituição pública U1, a estratégia de resistência que se destacou, diante de situações entendidas como moralmente inadequadas, foi o diálogo, especialmente quando os estudantes se perceberam com mais domínio do saber da enfermagem e, portanto, com mais segurança e confiança para realizar enfrentamentos, demonstrando seu fortalecimento moral.

Eu interrompi a consulta de enfermagem e pedi pra minha professora sair da sala, porque ela estava gritando com a paciente. [...] Pedi porque sabia que aquilo não era jeito de tratar a paciente e ela tinha o direito de ser atendida da melhor forma. No mesmo dia nos reunimos com a professora para conversar sobre essa situação. (U1/E1)

A princípio, eu não fazia nada pra defender o meu colega, mas com o passar do tempo e a continuidade das agressões verbais, foi ficando cada vez mais complicado conviver com essa situação. Por isso, fui conversar com a professora e depois com o meu colega, eu precisava fazer algo, não aguentava mais. Até pro meu marido eu falei e ele me apoiou. (U1/E7)

Já na universidade privada U3, os estudantes utilizaram mecanismos de intervenção através da avaliação docente e o recurso à coordenação de curso, como estratégias de resistência, motivados por um senso de autopreservação, quando percebiam que valores e princípios morais eram transgredidos.

A professora era farmacêutica e não tinha paciência para nos explicar a matéria porque éramos da enfermagem. Mas ela estava sendo paga para nos ensinar e a gente queria aprender. Nessa situação, eu estava com muito medo de rodar, porque eu trabalho pra pagar faculdade e eu sabia que não ia ter condições de pagar novamente, então procurei a coordenação para reclamar. A gente está pagando pra ter um ensino; mesmo que fosse em uma universidade pública, de qualquer forma, tu pagas teu imposto. (U3/E20)

Eu faço questão de fazer o instrumento de avaliação do docente que a universidade disponibiliza no sistema. (U3/E21)

Portanto, foi possível identificar, dentre os estudantes de enfermagem das três instituições, manifestações de resistência por meio de manifestações de persistência e autônomas na defesa do que acreditam, independente da possibilidade de sofrerem sanções, demonstrando coragem para advogar por si e pelos outros.

Eu disse pra professora: eu não tenho que ser como vocês querem que eu seja, nunca terei uma personalidade que o outro queira. Eu sou essa pessoa, e por isso, jamais vou deixar de perguntar e questionar o que não concordo. (U1/E6)

Eu vim participar dessa pesquisa porque eu precisava falar, contar para alguém. Essa é uma forma de enfrentar essa situação. (U2/E12)

A enfermeira me repreendeu porque achava que eu perdia muito tempo conversando com os pacientes; eu disse que

achava importante agir assim; mas ela me mandou mudar e ser objetiva. Eu não mudei, eu sabia que eu estava fazendo certo, [...] eu sentia que o problema era dela, que eu tinha que ser mais forte porque eu estava fazendo certo. Ela me descontou nota por causa disso, mas eu não ia morrer por nota. (U3/E16)

No entanto, as estratégias de resistência podem repercutir negativamente aos envolvidos: estudantes, docentes e usuários.

Tentamos intervir na intenção de prestar os cuidados de enfermagem adequados ao parto humanizado, mas o médico pareceu realizar uma analgesia na paciente um pouco mais elevada que o necessário fato que concluímos no grupo de estágio; talvez, para impedir que a paciente fizesse outros procedimentos e assim não incomodasse a equipe. (U1/E4)

Quando fui conversar com a professora, ela me respondeu: “não te mete, que eu posso te prejudicar”, não me lembro as palavras exatas, mas foi essa a atitude, “não defende o teu colega porque se não tu vai te prejudicar também”. (U1/E7)

Nas aulas de anatomia, ela dava uma matéria e cobrava outra na prova. A turma se juntou para ir na coordenadora e na ouvidoria reclamar; alguns colegas processaram a universidade e a professora foi demitida. (U3/E14)

A maioria dos 21 estudantes, entretanto, também avaliou como positivas as consequências do seu exercício de resistência.

A professora reuniu a turma, admitiu que errou e pediu desculpa. E nos disse para nunca agirmos assim. (U1/E1)

Eu me senti bem por ter falado e a enfermeira ter escutado por mais que não tenha mudado a decisão dela, ela percebeu que alguém pensa diferente e fala. Isso eu acho que é bom, porque às vezes os profissionais discordam da atitude dos outros e não falam nada, tanto é que os técnicos vieram me dizer que eu tinha dito tudo o que eles também queriam dizer. (U2/E9)

Quando fomos falar com a professora ela nos recebeu bem, não foi tão ruim, o grupo falou o que pensava, ela ouviu, pediu desculpa e afirmou que não aconteceria mais. (U3/E18)

Entretanto, a busca pela compreensão do fenômeno de resistência diante do SM no ambiente acadêmico, perpassa também pelas dificuldades que os estudantes de enfermagem enfrentam na elaboração e construção dessas atitudes de resistência, evidenciadas através da não resistência.

A não resistência diante do Sofrimento Moral: o poder disciplinar na fragilização moral do estudante

O exercício de poder disciplinar, através de mecanismos disciplinares, como a ênfase na normalização e na obediência à hierarquia, apresenta-se como motivador da não resistência, especialmente pelo medo da punição disciplinar, presente entre os estudantes de enfermagem.

Quanto à não resistência, identificaram-se diferenciações nos estudantes das três universidades. Na instituição pública U1, a maioria dos estudantes identificou problemas morais e éticos na relação com os docentes de enfermagem, através de

práticas docentes autoritárias, que dificultavam a expressão do seu eu, contribuindo para a negação de si, do seu saber, dos seus desejos e valores, com a anulação da sua condição de sujeito. Como estratégia de enfrentamento, referiram anão resistência como uma atitude de autopreservação, a partir do sentimento de medo constante, relacionado à preservação da sua imagem e à possibilidade de sofrer sanções.

Eu não falei nada, porque infelizmente eu tenho medo do grupo de professores da Enfermagem, é pura fofoca, todo mundo sabe da vida de todo mundo. Por isso, elas ficam com uma imagem ruim de quem enfrenta, um preconceito, parece que queima o teu filme com as professoras. (U1/E1)

A professora é quem manda. Quem vai decidir a tua nota no estágio. [...] Eu fiquei com medo de falar, principalmente por causa da nota; então eu fui e fiz como ela estava mandando, mesmo não concordando, eu não fiz nada por medo de ser reprovada. Eu nunca reprovei, e acredito que é por causa que muitas coisas eu não disse, muitas coisas não enfrentei. (U1/E5)

No contexto da universidade pública U2 e da universidade privada U3, os estudantes demonstraram que, muitas vezes, as relações de poder vivenciadas no ambiente acadêmico e de saúde parecem fortalecer e reproduzir a normalização de práticas e hegemonias na área da saúde, dificultando seu exercício de resistência diante de situações moralmente inadequadas.

Tinha determinados pacientes que a professora nos orientava a nem chegar perto, nem os sinais vitais podíamos verificar, porque eram do médico tal e ele não permitia estudantes de enfermagem, só os de medicina. Isso me incomodava, eu queria cuidar de todos, mas a professora não queria se incomodar e perder o campo de estágio [...]. A mesma situação se repetiu em outro semestre com a minha supervisora [enfermeira], ela também disse a mesma coisa e aí eu respondi: “já sei como é”. (U2/E10)

Na unidade de saúde que fizemos estágio não tinha sala para os estudantes de enfermagem, só para os de medicina. Então só realizávamos consulta de enfermagem no dia que a medicina não ia. A gente reclamou primeiro para os professores, depois fomos na coordenação, mas eles diziam que era assim mesmo, que a medicina necessitava de maior aporte e infraestrutura. Ainda tinha os colegas técnicos de enfermagem que também achavam isso normal. (U3/E17)

Foi possível identificar, também, que os estudantes das três universidades apresentaram dificuldades no exercício de resistência devido a uma percepção de si, de incapacidade de atuar com suficiente autonomia e segurança, seja por (des)conhecimento e/ou (in)experiência, fortalecendo a normalização de um perfil ainda construído para obedecer hierarquias e normas instituídas, como parte de um corpo de conhecimentos.

Quando ela [professora] gritou comigo, eu queria dizer que eu não sabia fazer, que eu nunca tinha feito, mas eu fiquei sem reação. Eu não podia responder, eu sou aluna, tenho que respeitar ela [...], ainda mais no início do curso que a gente não tem conhecimento; então eu fiquei quieta pra não gerar mais polêmica ou discussão. (U1/E2)

Como eu ia dizer pra professora que eu não concordava? [...] sempre o professor tem razão e nem sempre o aluno vai ter. [...] O que eu sou? uma aluna de graduação, eu não sou nada, sou apenas um peão. (U2/E12)

A gente não tem autonomia pra enfrentar um médico [...] ele chegou nos insultando, como é que íamos responder? a gente se sentiu muito humilhado [...] tu fica de mãos atadas porque tu é acadêmico e tu não pode fazer nada, porque ele que manda na unidade. (U3/E20)

Nesse mesmo sentido, o fortalecimento do individualismo, da omissão e do conformismo surgem como possibilidades para o estudante sobreviver ao SM, numa aparente renúncia de seus valores e dos valores da futura profissão, evitando a defesa do outro e, conseqüentemente, comprometendo a dimensão ética do cuidado ao usuário.

É ruim não falar, porque tu estás prejudicando o paciente, mas ninguém falou nada, não fez nada, eu também não ia fazer [...] e ainda tinha o medo de perder o campo de estágio. (U1/E2)

Quando a professora acusou o meu colega, ela estava errada, mas se eu defendesse ele o problema poderia começar a ser comigo, então ele que se defendesse sozinho. (U2/E11)

A medicina não respeitou o paciente, mas fiquei quieta e não fui além porque não vou brigar sozinha, no fim as coisas não vão mudar mesmo. (U3/E15)

Ainda, no contexto de não exercício da resistência, as repercussões referidas evidenciaram que o estudante comumente vive, de maneira solitária e silenciosa, um processo de sofrimento, inclusive com alterações físicas, quando não atua de acordo com o que acredita, independentemente de estar em uma universidade pública ou privada.

Nas avaliações práticas, os alunos saíam chorando, pela pressão que os professores faziam; era tão traumático que muitos colegas cometiam erros primários de tão nervosos e ansiosos; eles tremiam, tinham dores de estômago e passavam por tudo isso sozinhos. (U1/E4)

Era um estresse todos os dias o estágio no posto, a enfermeira me mandava fazer coisas que não tinham teor acadêmico, mas eu fazia tudo. Isso somado a tudo que já vivi na graduação e nunca falei me gerou uma crise no final do oitavo semestre, uma estafa com dor no peito durante o estágio [...], tomei analgésico endovenoso, e ainda minha fibromialgia piorou. (U2/E11)

A professora me repreendeu na frente do paciente, dizendo: tu tem que agir do meu jeito e não do jeito que tu acha certo. Era um sofrimento, a vontade era de não ir na aula e nem no estágio, não tinha vontade de continuar no curso. (U3/E14)

DISCUSSÃO

Destaca-se que os estudantes de enfermagem, em sua maioria, eram de universidades públicas, matriculados nos últimos semestres da graduação em enfermagem. Isso pode estar relacionado a

uma grande vivência de situações no ambiente acadêmico, muitas delas reconhecidas, por eles como moralmente inadequadas. Nesse sentido, os estudantes de enfermagem referiram diferentes estratégias de enfrentamento diante de situações entendidas como moralmente inadequadas, que lhes geraram SM, contemplando atitudes de resistência ou não, e, conseqüentemente, vivenciando diferentes repercussões. Para tanto, ao vivenciar relações de poder, presentes em uma situação indesejável, o estudante pode ou não, sentir-se capacitado a enfrentá-la⁽¹⁸⁾.

Para Foucault, um dos sentidos da palavra “estratégia” é designar o modo como, em um jogo de poder, o jogador atua com base em seu pensamento acerca da atuação dos outros e em como os outros acreditam que ele atuará⁽¹³⁾, pois “não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda a estrutura social”⁽¹⁹⁾.

A primeira categoria evidenciou as estratégias de resistência diante do SM utilizadas pelos estudantes de enfermagem, como um exercício de poder, guiados por um senso de autopreservação e de fortalecimento moral, através de mecanismos de intervenção, com possíveis repercussões negativas e positivas.

Nesse sentido, os estudantes de enfermagem da universidade U2, criaram estratégias de resistência a partir da autopreservação, relacionadas aos mecanismos de intervenção como a mudança de campo de estágio, motivados por um senso de autonomia e liberdade ao resistir a práticas eticamente questionáveis, o que constitui a tentativa de preservar valores e princípios, evitando um aparente conformismo ao que está estabelecido. Na U1, os estudantes utilizaram o diálogo com o docente sobre as situações que consideraram moralmente inadequadas, com o intuito de modificar as práticas docentes autoritárias. Já os estudantes da universidade privada U3, recorreram à coordenação do curso de enfermagem e ao preenchimento da avaliação docente para proteger seus interesses e preservar seu investimento financeiro.

As atitudes de resistência adotadas pelos estudantes visavam defender o processo de aprendizagem e de avaliação, apesar de possíveis sanções na hierarquia acadêmica. As lutas de resistência, no caso particular da normalização, são lutas pela autonomia e emancipação. Exigem, para tal, um trabalho contínuo e sem descanso de afrontamento dos mecanismos disciplinares contra as técnicas de individuação. Para tanto, a atitude crítica é uma forma de resistência que não se dá pela violência, mas pela mudança de atitude diante do poder^(12-13,15). Resultados semelhantes foram identificados em outro estudo, no qual uma estudante de enfermagem adotou uma postura de enfrentamento e resistência diante de seu supervisor de estágio, ao não permitir que os direitos do usuário em receber cuidados de qualidade fossem violados, assim como seus próprios ideais⁽⁶⁾.

Ainda, foi possível constatar que, quanto mais conhecimento o estudante considera ter mais ele se sente seguro e confiante para persistir e resistir em defesa do que acredita ser o mais correto, com coragem e autonomia para advogar em defesa de si e dos outros, o que demonstra o fortalecimento moral do estudante de enfermagem. Tais estratégias associam o exercício de poder ao fortalecimento moral do estudante, para exercer a defesa de si e dos outros no ambiente acadêmico. À semelhança dos achados desse estudo, a justificativa para os estudantes de enfermagem resistirem está ligada à influência do

seu papel como advogados do paciente⁽²⁰⁾, papel que deveria ser fortemente estimulado em sua formação, o que implicaria o fortalecimento das estratégias de resistência frente ao vivido. Para exercer a advocacia, seja dos pacientes, seja do colega, torna-se necessário realizar constantemente julgamentos éticos, o que implica questionar e confrontar valores, normas e práticas instituídas, de modo a garantir o respeito aos envolvidos⁽²¹⁾.

Como consequência, as ações de resistência podem ter repercussões negativas para todos os envolvidos: docentes, usuários e estudantes. As sanções ocorreram em domínios como: ameaça e represália ao estudante; processo de demissão do docente e prestação de um descuido ao usuário. Tais situações demonstram que o exercício da defesa de si e dos outros implica uma tomada de posição que geralmente gera riscos e conflitos, visto que desequilibra as relações de poder⁽²²⁾. Ainda, a dificuldade de exercer poder e de estabelecer pontos de resistência nas relações de poder também pode gerar SM⁽²²⁾.

Repercussões positivas também foram evidenciadas pela maioria dos estudantes que resistiram, como seu fortalecimento moral mediante o exercício de poder, o pedido de desculpa docente e o reconhecimento da equipe de saúde. Assim, as ações dos estudantes podem estar diretamente vinculadas à intensidade de SM, uma vez que aqueles que resistiram referem menor SM, enquanto que aqueles que expressaram arrependimento por não terem resistido referem experimentar mais SM⁽¹⁸⁾. Por outro lado, as possíveis repercussões do exercício de resistência dos estudantes, com punições e retaliações sem o alcance das rupturas desejadas, podem ampliar seu sofrimento.

Assim, de forma aparentemente contraditória, o senso de autopreservação que o estudante apresentou nesse estudo pode servir como justificativa, seja para resistir, seja para optar pela não resistência. O fato de o estudante de enfermagem não resistir está relacionado ao medo da punição, da sanção, concretizada em uma avaliação negativa, com perda de notas, com reprovação, humilhação e/ou a perda de oportunidades de desenvolvimento estudantil.

Para tanto, os mecanismos disciplinares advindos do poder disciplinar estão relacionados à não resistência dos estudantes de enfermagem, entendidas como estratégia de sobrevivência ao SM. Nesse sentido, o poder disciplinar na universidade pública U1 foi evidenciado por meio do comportamento docente autoritário, que aparentemente visa moldar e normalizar a conduta dos estudantes. Já as relações de poder e, por conseguinte, o SM vivenciado por estudantes nas universidades pública U2 e privada U3, pareceram mais associadas ao seu desestímulo para defenderem o que acreditam, fortalecendo hegemonias e hierarquias profissionais.

O poder disciplinar pode ser entendido como um mecanismo de controle no contexto acadêmico, ao dominar os corpos dos indivíduos para torná-los governáveis. A disciplina e suas sanções permitem uma continuidade do exercício de poder disciplinar sobre os indivíduos e um maior controle coercitivo sobre suas atitudes^(15,19), influenciando a percepção de falta de poder nos estudantes e, conseqüentemente, a inação como opção diante do SM⁽¹⁾.

Destarte, os estudantes referiram reconhecer-se, inicialmente, com pouco conhecimento e autonomia no ambiente acadêmico, o que lhes gerou sentimentos de medo de resistir diante do SM, pelas possíveis sanções, entendidas como pequenos castigos

que visam penalizar ações que não se enquadrem nas normas, através da perda denota no processo avaliativo e na restrição de oportunidades. Essas percepções corroboram com estudos internacionais que citam a falta de confiança em um entendimento completo da situação, relacionada à inexperiência e/ou à falta de conhecimento e ao desempenho de um papel subordinado na equipe⁽¹⁻²⁾, como justificativa para ações de não resistência.

A posição que os estudantes declaram ocupar na hierarquia acadêmica é reconhecida como inferior, favorecendo sua percepção de fragilidade e impotência em um jogo de relações de poder, apesar das suas implicações morais. Do mesmo modo, em outros estudos, estudantes atribuíram sua inação à falta de um modelo profissional, percebendo que seus instrutores pareciam tolerar ou perpetuar determinadas situações não éticas, o que pareceu absolvê-los de um sentido de responsabilidade⁽¹⁻²⁾.

Os estudantes de enfermagem parecem renunciar aos próprios valores, resignando-se à normalização difundida no ambiente acadêmico como estratégia de autopreservação diante da possibilidade de sofrer sanções. Dessa forma, ao presenciarem situações moralmente inadequadas, optam pela resignação para manter as oportunidades de aprendizagem, comportamentos que os fragilizam moralmente. Contraditoriamente, a aparente omissão e indiferença, frente a essas situações, pode aumentar sua percepção de SM^(16,22).

Destarte, as repercussões do ato de inação parecem relacionar-se, predominantemente, aos estudantes, e de um modo negativo, com culpa e intensificação do sofrimento. De acordo com outro estudo, os estudantes enfrentaram situações contraditórias de forma individual e silenciosa devido a poucas oportunidades para discutir questões morais e éticas com supervisores/docentes⁽²³⁾. Dessa forma, é possível que, depois de repetidas exposições a exemplos negativos, os discentes que condenam determinado ato, possam vir a aceitá-los⁽²³⁾.

Para tanto, o poder disciplinar na formação de corpos dóceis parece inibir processos de tomada de decisão que resultem em atos de resistência, ao suscitar comportamentos de passividade nos estudantes. Mais do que isso, entretanto, contribui para a fragilização moral do estudante, por uma prática aceitável, e, portanto, normalizadora, de omissão frente a situações moralmente inadequadas, não exercendo a defesa dos usuários e dos colegas. A graduação em enfermagem, além de ensinar a cuidar, parece ensinar a silenciar e a eximir-se frente ao descuido dos usuários. Tal fato suscita a preocupação de que os estudantes demonstrem certo grau de regressão do desenvolvimento moral durante o treinamento clínico, em vez de crescimento moral⁽¹⁸⁾.

Suscitar atitudes de resistência e poder de articulação entre os indivíduos é mais vantajoso no enfrentamento do SM para os sujeitos envolvidos do que apenas assumir um perfil de passividade⁽²⁴⁾. Faz-se necessário superar a inércia, muitas vezes demonstrada, para a modificação dos ambientes de trabalho e de formação acadêmica, através do exercício de poder, preferentemente, através de um coletivo de resistência a essas situações que resultam em SM⁽²⁴⁾. A resposta para o enfrentamento do SM é falar e lutar dentro e fora das instituições. A resposta à passividade é o ativismo⁽¹⁶⁾.

Limitações do estudo

Ressalta-se, como limitação do estudo, o período de realização da coleta de dados ter sido reduzido e no período das

férias universitárias. Ainda, o interesse demonstrado pelos 21 estudantes em participar, possivelmente, esteja relacionado a suas intensas vivências de SM, o que pode ter influenciado sua necessidade de expor tais vivências, inclusive como uma forma de enfrentamento diante das situações que lhes geram SM.

Contribuições para a área da enfermagem, saúde ou política pública

Evidenciou-se que, independentemente de a universidade ser pública ou privada, os estudantes de enfermagem vivenciam situações que lhes geram SM no ambiente acadêmico, requerendo seu enfrentamento. Portanto, as atitudes de resistência ao SM assumidas pelos estudantes poderão não apenas contribuir para reorganizar o contexto de ensino e saúde em prol de uma formação acadêmica e uma prestação de serviços baseadas no respeito e na ética, mas contribuirão para sua própria formação e fortalecimento moral. Nesse sentido, é a prática de liberdade que ganha positividade, possibilitando a constituição do novo, mediante a ruptura com relações de poder tradicionais, consideradas normais e aceitáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de resistência adotadas pelos estudantes de enfermagem mediante seu exercício de poder, intensificam-se com a ampliação do domínio do saber pelos estudantes, os quais se sentem mais seguros e confiantes através da percepção de uma maior autonomia e liberdade em defesa do que acreditam e do seu fortalecimento moral diante de situações moralmente inadequadas.

No entanto, o exercício do poder disciplinar sobre estudantes de graduação em enfermagem parece contribuir para sua fragilização moral, dificultando a implementação de estratégias de resistência no enfrentamento do SM. Nesse sentido, questiona-se, se a formação em enfermagem fragiliza moralmente o estudante: Como os estudantes e tornará um profissional seguro para resistir diante de situações moralmente questionáveis?

Ainda, a resistência ou não, suscita possibilidades de repercussões diante do SM, positivas e negativas, influenciando os estudantes na decisão de expor suas opiniões. Desse modo, consideram, primeiramente, a possibilidade de sofrerem sanções e, depois, de os outros virem a sofrê-las, fato que suscita a não resistência, muitas vezes, como a estratégia que poderá lhes causar menor sofrimento. No entanto, esse comportamento poderá resultar em atitudes de abandono dos próprios ideais e, conseqüentemente, dos da profissão.

FOMENTO

Estudo elaborado no escopo do projeto de pesquisa "Advocacia do paciente e coping na enfermagem: possibilidades de exercício de poder mediante vivências de sofrimento moral", financiado pela Chamada Universal 14/2012 (processo 474761/2012-6). A realização da pesquisa contou ainda com o auxílio da bolsa de doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), no período de 2013-2016.

REFERÊNCIAS

1. Wojtowicz B, Hagen B, Daalen-Smith CV. No place to turn: nursing students' experiences of moral distress in mental health settings. *Int J Ment Health Nurs*[Internet]. 2014[cited 2016 Jun 13];23(3):257-64. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23980930>
2. Wiggleton C, Petrusa E, Loomis K, Tarpley J, Tarpley M, O'Gorman ML, et al. Medical students' experiences of moral distress: development of a web-based survey. *Acad Med*[Internet]. 2010[cited 2016 Apr 13];85(1):111-7. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20042836>
3. Theobald A. Moral distress in baccalaureate nursing students. *Ky Nurse*[Internet]. 2013[cited 2016 Jul 1];61(2):5-6. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23617179>
4. Escolar-Chua RL. Moral sensitivity, moral distress, and moral courage among baccalaureate Filipino nursing students. *Nurs Ethics*[Internet]. 2016 [cited 2018 Feb 7];e-0969733016654317. Available from: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0969733016654317>
5. Curtis K. Learning the requirements for compassionate practice: student vulnerability and courage. *Nurs Ethics*[Internet]. 2014[cited 2016 Aug 7];21(2):210-23. Available from: <http://nej.sagepub.com.ez40.periodicos.capes.gov.br/content/21/2/210.long>
6. Grady A. Experiencing moral distress as a student nurse. *Imprint* [Internet]. 2014[cited 2016 Sep 5];61(2):40-2. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24707639>
7. Rees CE, Monrouxe LV, McDonald LA. 'My mentor kicked a dying woman' sbed...' Analysing UK nursing students' 'mostmemorable' professionalism dilemmas. *J Adv Nurs*[Internet]. 2015[cited 2016 Jun 20];71(1):169-80. Available from: <http://onlinelibrary-wiley-com.ez40.periodicos.capes.gov.br/doi/10.1111/jan.12457/epdf>
8. Bordignon SS, Lunardi VL, Barlem ELD, Lunardi Filho WD, Tomaschewski-Barlem JG, Ramos AM. Moral distress among undergraduate nursing students who question the choice of professional career. *J Nurs Soc Health*[Internet]. 2014[cited 2016 Sep 11];1(1):63-9. Available from: <http://dx.doi.org/10.15696/2358-9884/jonse.v1n1p63-69>
9. Renno HMS, Brito MJM, Ramos FRS. Estágio curricular e o sofrimento moral do estudante de enfermagem. *Enferm Foco*[Internet]. 2015[cited 2016 Sep 13];6(1/4):51-5. Available from: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/577/259>
10. Renno H M, Ramos FR, Brito MJ. Moral distress of nursing undergraduates: myth or reality? *Nurs Ethics*[Internet]. 2016[cited 2016 Nov 1];e0969733016643862. Available from: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0969733016643862>
11. Lunardi VL. Medo: fio visível/invisível na docilização do corpo da enfermeira. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 1995[cited 2016 Aug 17];48(3):195-203. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v48n3/v48n3a02.pdf>
12. Foucault M. *Ditos e Escritos IV: estratégias, poder/saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
13. Castro E. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009
14. Sasso L, Bagnasco A, Bianchi M, Bressan V, Carneval F. Moral distress in undergraduate nursing students: a systematic review. *Nurs Ethics*[internet]. 2015[cited 2017 Dec 21];23(5):523-34. Available from:<http://dx.doi.org/10.1177/0969733015574926>
15. Foucault M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015.
16. Jameton A. A reflection of moral distress in nursing together with a current application of the concept. *J Bioeth Inq*[Internet]. 2013[cited 2016 Oct 10];10(3):297-308. Available from: <https://dx.doi.org/10.1007/s11673-013-9466-3>
17. Moraes R, Galiazzi MC. *Análise textual discursiva*. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí; 2013.
18. Lomis KD, Carpenter RO, Miller BM. Moral distress in the third year of medical school; a descriptive review of student case reflections. *Am Surg*[Internet]. 2009[cited 2016 Jun 10];197(1):107-12. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19101252>
19. Machado R. Por uma genealogia do poder. In: Foucault M. *Microfísica do poder*. 26. ed. São Paulo: Graal; 2008.
20. Wright A, Hawkes G, Baker B, Lindqvist M. Reflections and unprompted observations by health care students of an interprofessionals hadowing visit. *J Interprof Care*[Internet]. 2012[cited 2016 Jun 13];26(4):305-11. Available from: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/13561820.2012.678507>
21. Tomaschewski-Barlem JG, Lunardi VL, Barlem ELD, Ramos AM, Silveira RS, Vargas MAO. Como enfermeiros vêm exercendo a advocacia do paciente no contexto hospitalar? uma perspectiva foucaultiana. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2016[cited 2016 Jul 10];25(1):e2560014. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n1/0104-0707-tce-25-01-2560014.pdf>
22. Krautscheid L, DeMeester DA, Orton V, Smith A, Livingston C, McLennon SM. Moral distress and associated factors among baccalaureate nursing students: a multisite descriptive study. *Nurs Educ Perspect*[Internet]. 2017[cited 2018 Feb 06];38(6):313-9. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28926501>
23. Hilliard RI, Harrison C, Madden S. Ethical conflicts and moral distress experienced by paediatric residents during their training. *J Paediatr Child Health*[Internet]. 2007[cited 2016 Sep 10];12(1):29-35. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/19030336/>
24. Lunardi VL. Moral distress: an innovative and important subject of study in Brazil. *J Bioeth Inq* [Internet]. 2013[cited 2016 Jun 5];10(3):309-12. Available from: <https://dx.doi.org/10.1007/s11673-013-9458-3>